

MIGRAÇÕES GUARANI MBYA

Maria Inês Ladeira*

“Eles andaram para o bem... (oguata porã)

...Então, do começo do mundo (yvy apy) vieram andando, procurando seus lugares, seus verdadeiros lugares. Vieram do começo do mundo e andaram pela beirada do oceano para encontrar o fim do mundo...

Mas eles não andavam por si mesmos. Eram guiados pela iluminação de Nhanderu (nosso pai).

Nós, todos nós, desde antigamente, andamos para o bem.” (LADEIRA, 1990)

Foto: Maria Inês Ladeira



Neste artigo, comentaremos as migrações Guarani Mbya¹ a partir de alguns pressupostos contidos nos seus mitos de origem que fundamentam os movimentos atuais².

Os Guarani contemporâneos que vivem no Brasil são classificados, a partir da década de 50 por Egon Schaden, em 3 grupos - Kaiova (ou Pai Tavyterã, no Paraguai), Nhandeva e Mbya - conforme diferenças dialetais, de costumes e de práticas rituais. Essa divisão fundamenta-se numa definição de diferença apontada e vivida por esses próprios índios, observada na disposição dos espaços que ocupam dentro de um amplo território tradicional constituído pela antiga região de Misiones (Argentina e Paraguai), norte do Uruguai e regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil. No litoral brasileiro, as aldeias Guarani (Nhandeva e Mbya), estão localizadas entre os estados do Rio Grande do Sul e Espírito Santo.

Apesar do constante processo migratório e da miscigenação entre os vários grupos Guarani, com experiência ou não nas reduções jesuíticas, os Guarani Mbya mantêm uma unidade cultural e linguística bem determinada que lhes permite reconhecer seus iguais, mesmo vivendo em aldeias separadas por grandes distâncias geográficas e envolvidas por distintas sociedades nacionais.

No início deste século, as migrações Guarani em direção à costa Atlântica fo-

ram analisadas sob o ponto de vista religioso-político e registradas por autores consagrados da literatura etnográfica.

Hélène Clastre considera que as migrações religiosas encabeçadas por grandes profetas antecedem a Conquista. Alfred Métraux registra migrações Tupi no Século XVI; Nimuendaju registra migrações Guarani a partir do século XIX, mencionando movimentos migratórios realizados pelos Nhandeva ao litoral sul de São Paulo -bandos Tanigua (1820), Oguauiva (1860), Apapocuva (1870) e, em 1913, a chegada ao litoral paulista de um grupo, provavelmente Mbya.

Para Nimuendaju, a marcha Guarani para o leste ocorre em razão do medo da destruição do mundo e da esperança de ingressar na Terra sem Mal. Segundo o mito do dilúvio, tratado na lenda de Guyrapoty e descrito por Nimuendaju em sua versão original, o "desmoronamento" da Terra acontece a partir do oeste, através de um fogo subterrâneo que, alcançando a superfície avança em direção à margem leste da Terra. Na transcrição literal desta lenda, o trecho correspondente à chegada à Serra do Mar foi assim traduzido:

"E a terra queimava mais e mais rapidamente. Novamente caminharam e novamente os filhos de Guyrapoty perguntaram: 'Será que esta terra vai sobrar?' E então ele falou a seus filhos: 'Esta serra que retém o mar (yvyty paráry jocoá) dizem, irá sobrar realmente, dizem.' E eles ficaram"... "Passados quatro anos veio o dilúvio (yojaparó), isto é: a água do mar ergueu-se como uma muralha e, inundando a Serra do Mar, rolou (ojaparó) sobre a escora incandescente da terra, para arrefecê-la - pois Nanderuvuçu edificaria sobre ela um mundo novo". (NIMUENDAJU, 1978)

Já no século XX, Schaden menciona a chegada de três grupos Mbya: em 1924, 1934 e 1946.

"As migrações mais recentes foram as de algumas levas de Mbüá do Leste paraguaio e Nordeste argentino que, atravessando o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná, chegaram ao litoral de São Paulo. Tenho notícias de três grupos, um vindo por volta de 1924, outro vindo em 1934 e um terceiro, que chegou

em 1946, igualmente vindo do Paraguai meridional, de território contíguo à província argentina de Misiones." (SCHADEN, 1974)

Em vista das precárias condições de vida dos Guarani, alguns estudiosos presumiram o fim das migrações religiosas e a desfiguração do território Guarani devido à extinção de antigas aldeias. Entretanto, a despeito de terem sobrevivido a diversos contextos históricos, e da ocupação intensa e estratificada do território sul-americano, os Guarani Mbya continuam realizando seus movimentos migratórios, procurando formar seus assentamentos junto a Mata Atlântica sob a perspectiva de alcançar Yvy Marãey, a "Terra sem Mal", que se encontra além do oceano.

A procura dos locais adequados para a formação de suas aldeias obedece a uma sistemática de ordem mítica. Desse modo, dificuldades tais como indisponibilidade de matas preservadas e a precariedade dos recursos naturais das áreas que lhes são hoje destinadas, contribuem, ao contrário do que alguns estudos mencionam, para uma acentuação das manifestações tradicionais de religiosidade.

Os locais onde os Guarani formam seus assentamentos familiares são identificados como Tekoa. Teko, segundo Montoya em seu "Tesoro de la Lengua Guarani", significa modo de ser, de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, costume. Tekoa seria pois o lugar onde existem as condições de se exercer o "modo de ser Guarani". (MELIA, 1991)

Podemos qualificar o tekoa como o lugar que reúne condições físicas (geográficas e ecológicas) e estratégicas que permitam compor, a partir de uma família extensa com chefia espiritual própria, um espaço político-social fundamentado na religião e na agricultura de subsistência. Para que se desenvolvam relações de reciprocidade entre os diversos Tekoa Mbya é preciso, pois, que estes em seu conjunto apresentem certas constantes ambientais que permitam aos Mbya exercer "seu modo de ser" e aplicar suas regras sociais.³

As constantes ambientais verificadas nos tekoa demonstram, como afirma Melia, que "o Guarani conhece sua terra", E ainda que "a riqueza da língua Guarani para designar os diversos tipos de terra e

solos, de montes, de espécies vegetais e as características ecológicas de um lugar é um bom índice de seus conhecimentos concretos e práticos". (MELIA, 1991)

Também a influência Guarani na toponímia de regiões inseridas no seu território tradicional como um todo (envolvendo Paraguai, Argentina, Brasil), confirmam para os próprios índios a aplicação de um conhecimento teórico, muitas vezes de base mítica, por parte de seus antepassados.

Os Mbya referem-se à porção de terra que compreende seu território tradicional como sendo o mundo Mbya destinado a eles por Nhanderu etc (nosso pai verdadeiro). Desse modo, conforme afirmam os Mbya contemporâneos, "nesse mundo vivem os mais velhos, só Mbya. Os brancos vieram de um outro mundo, outra ilha, e chegaram depois atravessando o oceano". (LADEIRA, 1990). Eles definem o mundo Mbya como sendo redondo, uma ilha, pois "já se encontrava cercado de oceano".

Os Mbya do litoral comprovam, através da versão dos mitos sobre a construção do mundo e dos cataclismas que o abalarão, que a sua ocupação à beira do oceano ocorre desde a criação do primeiro mundo: yvy tenonde. Assim, para se compreender a importância, religiosa e prática, do território situado na beirada do oceano, e portanto à margem do mundo, é preciso considerar a premissa de que para os Mbya que se encontram em processo de migração, ou que já se fixaram nessa região, é a partir do litoral que se origina, se organiza e se define a geografia do cosmo Mbya. (LADEIRA, 1992)

Conforme explicação de Davi, jovem líder espiritual de uma aldeia do litoral paulista, o mundo é feito em planos superpostos. Na terra, encontra-se yvy apy: extremidade ou ponta do mundo, situada na beira do oceano. Entre o mar e a "Terra sem Mal" (Yvy Marãey), na direção do nascimento do sol, está "yva paü", espaço entre os céus, ilhas "onde os brancos não chegam", para onde vão as almas das pessoas que morreram e que buscam voltar ao seu lugar de origem junto ao seu Nheç ru etc (pai verdadeiro da alma). (LADEIRA, 1992)

É a partir de yvy apy (extremidade da



Foto: Maria Inês Ladeira

terra) que os Mbya podem alcançar yva paũ ou Yvy Marãey, enfim o seu destino. Yvy apy é identificada entre as montanhas e as rochas da Mata Atlântica. É a terra situada na beira do oceano. Yvy apy contém os elementos originais da flora e da fauna criados por Nhanderu e destinados à subsistência dos Mbya.

Seriam, portanto, esses locais indicados ou "revelados" aos Mbya para estes constituírem seus tekoa reproduzindo, efetiva ou simbolicamente (através do plantio de culturas próprias, da criação de certas espécies de aves e animais), parte do mundo original. Foi em yvy apy que desceram e transitaram os primeiros Mbya, e é a partir de yvy apy que os "eleitos", aqueles que alcançarem a plenitude (aguyje) através das rezas e do bom comportamento, serão conduzidos à Yvy Marãey (Terra sem Mal). Nesse sentido, os conceitos de "tekoa", de "yvy apy" e de "eternidade" são determinantes para a compreensão do significado de "Yvy Marãey".

O dado talvez mais elucidativo sobre "Yvy Marãey" reside na questão da eternidade contida na própria semântica desta expressão. Yvy Marãey, a terra onde nada

tem fim, é composta por elementos originais que não se esgotam. E esta virtude não reside no aspecto quantitativo, mas na qualidade de perenidade de seus elementos.

Também os "eleitos" que conseguem alcançar a terra da eternidade extraíram de si tal característica, ou dom, de atingir a imortalidade atravessando com o corpo e a alma a grande água que se entrepõe entre a terra imperfeita (yvy vai - o mundo terreno) e a terra perfeita. Tudo indica que a "imortalidade" se impõe, cada vez mais, como determinante para utilização de um espaço ao mesmo tempo tradicional e novo onde possam realizar, em plenitude, o seu modo de ser.

Para se alcançar Yvy Marãey, e portanto a imortalidade, é necessário um empenho coletivo através das caminhadas e dos rituais. Entretanto, esta é uma realização individual. Em outras palavras, embora a realização individual seja uma condição básica, ela não acontece sem o empenho coletivo que estimula e propicia que todos, individualmente, consigam realizar o ideal comum. (LADEIRA, 1992)

"...Por isto, aos que se empenham

*em ser imortais
é que lhes mostraste seu futuro
e formoso caminho.*

*Portanto, dos poucos que souberam escutar
ainda se avistam os corpos.*

*E não serão convertidos em terra,
pois alcançarão o estado
da indestrutibilidade.*

*Porque assim disseste é que me recordo
de seus ensinamentos.*

*Nosso pai Nhamandu Verdadeiro,
o primeiro!" (BENITO, 1984)*

O mito "Oguata Porã", relatado por Davi, trata do movimento migratório de um grupo familiar cuja experiência foi incorporada ao repertório de mitos Guarani e seus ensinamentos generalizados entre o grupo. Foi traduzido por Davi como "a caminhada à beira do oceano". Esta versão além de ditar as normas do comportamento Mbya corrobora a tese Guarani de que a escolha do lugar para instalação e formação de aldeias, além das condições ambientais e físicas apropriadas, depende de uma orientação divina.

"Nhanderykey (nossos irmãos mais velhos) não tiveram dificuldades. Não havia fome, nem doenças, antigamente. Es-

tavam em plenitude (aguyje) e não sentiam nenhum mal em seus corpos, pois só seguiram os ensinamentos de Nhanderu. Pois não comiam as coisas deste mundo, não comiam sal... Eles comiam milho, Kaguyjy (chicha de milho). Todos os nossos antigos avós, nossos avós, nossos avós antigos paravam onde o lugar era nosso, nhanderekoa. Onde eles chegavam, onde recebiam a iluminação ficavam o tempo certo para produzirem seus alimentos". (LADEIRA, 1990)

Outro preceito prescrito nos mitos refere-se à manutenção da comunicação entre os vários grupos familiares, a despeito da grande extensão territorial onde estão localizadas as aldeias Mbya:

"Onde, onde meus filhos tiverem acen-to junto aos seus fogos, seus pensamentos devem estar voltados aos outros, em todos os lugares (Mbya tekoa)" (LADEIRA, 1992). Esse intercâmbio se realiza através da expressão oral, dos sonhos, das revelações e das caminhadas.

Os mitos de origem também orientam a "separação" da sociedade Mbya em grupos familiares com chefia própria a fim de se "espalharem" pelo mundo.

"Eles andaram sobre as águas e ficaram no meio das águas (yy pañ rupi), nas ilhas (parakupe). Eles andaram para o bem. E se separaram, cada uma com suas companheiras, cada um com suas famílias". (LADEIRA, 1990)

Numa análise mais detalhada, veríamos que esse preceito de separação em grupos familiares está profundamente conectado com todas as instâncias da sobrevivência Guarani Mbya e se impõe como mecanismo de defesa pois garante: as relações de reciprocidade social e política, o "controle" e conservação de seu amplo território tradicional, o não comprometimento dos recursos naturais das matas.

"Esse mundo não durará muito tempo. Meus filhos que vão estar no mundo, vão ter que se separar. O mundo (Mbya) é muito grande. Por isso vão se separar em, mais ou menos, três famílias, e deverão caminhar (oguatá). Então, do começo do mundo (yy apy) vieram andando, procurando seus lugares, seus verdadeiros lugares. Vieram do começo do mundo e

andaram pela beirada do oceano (yy eẽ remberupi meme) para encontrar o fim do mundo (yy apy). (LADEIRA, 1990)

Os Guarani têm consciência das dificuldades de executarem este projeto nos dias atuais, caminhando sobre o asfalto, visíveis e vulneráveis. Vários são os empecilhos para atingir a meta, que seus antepassados sem dúvida atingiram.

"Nhanderu diz: Quem se lembrar de mim, vai alcançar com o seu corpo. Mas hoje em dia as coisas, para seus filhos caçulas, estão muito difíceis".

Entretanto, para muitos não há outra alternativa a não ser execução deste plano. Além disso caminhar, formar e preservar os Tekoa são a condição de manterem o contorno do seu mundo original adiando o seu desabamento até alcançarem a sonhada eternidade.

Diante de um futuro incerto, devido sobretudo à exiguidade da porção de terra que hoje lhes é reservada, a própria demarcação das aldeias significa a retaliação e deformação do seu mundo original.

O aumento das dificuldades de sobrevivência num mundo superpovoado pelos brancos, e prestes a ser novamente destruído, parece deslocar o mapa terrestre Mbya para diferentes planos espaciais. Nesse sentido, observamos que na concepção do mundo Mbya, o elo que une o plano espiritual e o plano terreno está cada vez mais tênue.

Hoje, a crença Mbya de que um novo/velho evento que destruirá ou definirá uma nova ordem do mundo Mbya através do fogo está prestes a se suceder, tem se acentuado. A justificativa desta crença é a falta de condições atuais para que os Mbya possam viver em conformidade com os ensinamentos tradicionais o que os leva a submeterem-se a inúmeras transgressões tais como o consumo de alimentos e de outros produtos dos brancos. Esse tema é debatido com frequência nas aldeias e é uma preocupação constante dos grupos familiares que migraram recentemente e que ainda não encontraram um lugar com os requisitos básicos para formar seus tekoa, que lhes esteja disponível.

E é justamente essa ameaça escatológica que faz com que o complexo Serra do Mar / Mata Atlântica se configure como estra-

tégico pois, segundo a tradição, é sobre o mar e atravessando-o que aqueles que conseguirem alcançar a "plenitude", alcançarão a "Terra sem Mal" e, portanto, a salvação.

*Maria Inês Ladeira é Membro fundador do CTI - Centro de Trabalho Indigenista e Mestre em Antropologia Social / PUC - SP.

NOTAS:

1. As palavras do vocabulário Guarani são oxítonas, em sua maioria. Portanto, optamos por acentuar somente as exceções. Nas citações de outros autores, conservamos as respectivas grafias.

2. A língua Guarani pertence à família linguística Tupi Guarani, do tronco Tupi. Pesquisas arqueológicas, linguística e etno-históricas, indicam a margem sul do médio Amazonas como o possível centro de origem Tupi (NOELLI, 1993).

As migrações Tupi Guarani foram analisadas por estudiosos como resultantes de guerras tribais, expansão territorial, ecologia, movimentos religiosos em busca da "Terra sem Mal" e, após a Conquista do continente sul-americano, como fuga das reduções jesuíticas e dos colonizadores.

Supõe-se que grupos da língua Guarani passaram a ocupar as matas subtropicais do alto Paraná, do Paraguai e do médio Uruguai há cerca de 2.000 anos. Nos séculos XVI e XVII, os Guarani, embora não exclusivamente, ocupavam um amplo território que se estendia até a costa Atlântica (CLASTRES, 1978).

3. Não se deve confundir os movimentos migratórios com a mobilidade entre aldeias, relacionada à dinâmica social - casamentos, visitas de parentes, regras de reciprocidade.

BIBLIOGRAFIA

1 - Benito, Ramos. *Guarani*, In: "El Canto Resplandeciente" Plegarias de los Mbya -Guarani de Misiones. Buenos Aires, Ediciones del Sol, 1984.

2 - CLASTRES, Hélène. "A Terra sem Mal. O Profetismo Tupi -Guarani", São Paulo, Brasiliense, 1978.

3 - LADEIRA, M. Inês. "Yy pau ou yva pau: espaço Mbya entre as águas ou o caminho aos céus" - Os Índios Guarani e as ilhas do Paraná. São Paulo, CTI, 1990. (mimeo)

4 - _____. "O caminhar sob a Luz - O território Mbya à beira do oceano". São Paulo, PUC, 1992. (mimeo)

5 - MELIA, Bartolomeu. "O Guarani - Experiência Religiosa", Asunción, CEADUC - CEPAG, 1991.

6 - METRAUX, Alfred. "Migrations Historiques des Tupi -Guarani", Paris, 1927.

7 - NIMUENDAJU, Kurt. "Lenda da criação e do julgo final do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva - Guarani", São Paulo, EDUSP, 1978.

8 - NOELLI, Francisco. "Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão pré-históricas dos Tupi", Porto Alegre, 1993. (mimeo)

9 - SCHADEN, Egon. "Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani", São Paulo, EDUSP, 1974.